

AS (PO)ÉTICAS NEGRAS: ESPAÇOS E ESCRITAS QUE CONVERGEM NOS SARAUS PERIFÉRICOS DE SALVADOR

Paulo Sérgio Paz¹
Ari Lima²

Resumo

Esse artigo surge a partir de minha pesquisa de mestrado intitulada de “nóis por nóis: poesia e resistência nos saraus periféricos de Salvador” no qual me propus a observar como os saraus periféricos, através de seus jovens atores, tem mudado a cena cultural da capital baiana. Os saraus, hoje, olhando num panorama nacional, se constituem como o grande fenômeno no campo da literatura contemporânea nessas primeiras duas décadas do século XXI. E é por tamanha importância desses eventos literários periféricos que tomaram conta do país que nos debruçamos para ler estes espaços através das (po)éticas negras. O objetivo principal desse artigo é mostrar como as (po)éticas negras têm convergido luta racial, social, de gênero e das causas LGBTQ+ numa só direção por meio da poesia. Seja as (po)éticas recitadas nos saraus, ou ainda, aquelas que têm movido o mercado editorial alternativo das pequenas editoras. Esse artigo reflete sobre novos modos de produção, distribuição e recepção, que reorganizam o *mainstream* do cenário artístico e cultural, incluindo seus mercados – nesse caso, o mercado literário –, na cidade de Salvador. Constitui-se numa pesquisa etnográfica, que tem no trabalho de campo realizado na referida pesquisa de mestrado, na imersão nos principais saraus das periferias da cidade seu traço maior.

Palavras-chave: Saraus Periféricos; Literatura; Mercado Editorial; Poesia.

BLACK (PO) ETHICS: SPACES AND WRITING THAT CONVERGE IN THE PERIPHERAL SARAUS OF SALVADOR.

Abstract

This article arises from my master's research of “nóis por nóis: poesia e resistência nos saraus periféricos de Salvador” in which I set out to observe how the peripheral saraus, through their young actors, have changed the cultural scene of the capital baiana. Today, saraus, looking at the national panorama, constitute themselves as the great phenomenon in the field of contemporary literature in these first two decades of the 21st century. And it is because of the importance of these peripheral literary events that have taken over the country that we look to read these spaces through black (po)ethics. The main objective of this article is to show how black (po) ethics have converged racial, social, gender and LGBTQ + causes in one direction through poetry. Be it the (po)ethics recited in saraus, or even those that have moved the alternative publishing market of small publishers. This article reflects on new modes of production, distribution and reception, which reorganize the mainstream of the artistic and cultural scene, including its markets - in this case, the literary market - in the city of Salvador. It is constituted in an ethnographic research, which has in the field work, immersion in the main saraus of the peripheries of the city its greatest feature.

Keywords: Peripheral Saraus; Literature; Editorial Market; Poetry.

¹ Mestre em Estudo de Linguagens pelo programa de pós-graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL/UNEB. Doutorando pelo programa de Pós-graduação em Crítica Cultural –PPGCC/UNEB, linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. ORCID <http://orcid.org/0000-0001-9475-7925>. E-mail: paulosergio90@yahoo.com.br

² Professor titula do Pós-graduação em Crítica Cultural –PPGCC/UNEB. Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2003). E-mail: arivaldopituba@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado do desdobramento de uma pesquisa de mestrado, sob o título “nóis por nóis: poesia e resistência nos saraus periféricos de Salvador”, que surge com a necessidade de mostrar uma paisagem da cena litero-cultural periférica de Salvador, a partir do olhar de um morador da periferia, negro, cotista e pós-graduando. Por isso, o emprego do “nóis por nóis”, no título da dissertação³ para marcar a minha relação, como escritor e pesquisador, com os espaços que eu estudo e, principalmente, com os moradores das periferias, que têm construído uma forma de combate ao racismo e ao genocídio da população negra em Salvador através de espaços que vão na contramão da ordem hegemônica, responsável por instituir uma leitura da periferia como celeiro de criminalidade.

Salvador tem experimentado um enorme fluxo de criação literária jamais visto em sua história, muito disso tem a ver com o espalhamento dos saraus por toda periferia soteropolitana. O maior fenômeno da literatura contemporânea tem trazido à tona novos talentos no cenário literário baiano. Os saraus conseguem agrupar jovens que não tinham espaços em outros centros culturais, fazendo surgirem novos sujeitos, que estavam invisibilizados no cenário artístico e cultural. A cena cultural em Salvador ganha novos territórios a partir do crescente número de espaços culturais periféricos que surgem. Não conformados em estarem apenas apresentando suas poesias nos saraus e *slams* os/as poetas, esses/essas artistas encontram no livro uma nova forma de ampliar a visibilização de suas poesias, no entanto o mercado editorial ainda é elitista e centralizador (DALCASTAGNÉ, 2005), por isso as pequenas editoras aparecem como a tábua de salvação para publicação de muitos/as escritores/escritoras.

A cena cultural em Salvador ganha novos territórios a partir do crescente número de espaços culturais periféricos que surgem. Os espaços culturais sempre estiveram concentrados nos centros da cidade o que dificultava o deslocamento de quem morava distante, nas periferias, além dos preços altos de espetáculos teatrais e cinemas. O lugar que a literatura circulava era restrito às academias de letras, às faculdades e outros espaços consagrados. Com o crescente número de saraus, a literatura se desenvolve em territórios diferentes daqueles em que estava acostumada a circular. A periferia é o berço de uma face da literatura contemporânea, que, distanciando-se do sujeito periférico só como “objeto” de escrita, vê agora, nestes mesmos

³ Defendida de forma online em 4 de abril de 2020 no programa de pós-graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL, sob a orientação do professor dr. Ricardo Oliveira de Freitas.

sujeitos, os responsáveis por esta nova escrita: são produtores, personagens e temas de suas escritas.

2 ESCRITAS E ESTÉTICAS NEGRAS OS SARAUS DE SALVADOR

Os saraus periféricos de Salvador, ao contrário daqueles realizados no “centro”, têm um fazer artístico não só pensado para a fruição estética, mas também carregado de uma carga política que transforma a literatura num instrumento de construção política e estética. Esse entrelaçamento se aproxima da *partilha do sensível*, noção proposta pelo filósofo Jacques Rancière (2005), para quem arte e política têm origem em comum. Ou seja, para ele, a política e o fazer artístico foram construídos sobre o mundo sensível:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha (RANCIÈRE, 2005, p. 15).

Na noção acima, podemos encontrar uma fronteira entre ética e estética muito alinhada na escrita de Rancière (2005), onde a ética se relaciona ao discurso politizado enunciador das poesias e a estética voltada à valorização do corpo e de sua inscrição entre afetos como fortalecimento.

Com um pensamento afrocentrado⁴, o *Crias da Mata* busca criar uma ponte entre o fazer literário e a construção de uma identidade negra, pensando em assuntos que dialoguem com as demandas da população negra. A edição temática do mês tinha, como tema, afetividade e três convidadas. Cauane Maia, Beatriz Almeida e Amanda Rosa estavam lá para dialogar com o público sobre como nós, corpos negros, construímos amor entre nós mesmos, num movimento de ir contra a ideia de miscigenação colocada como solução para o Brasil.

Uma das características dos saraus periféricos soteropolitanos é transformar estes espaços não só em um local em que se recita poesia, mas, sobretudo, em um espaço de sociabilidade onde discussões sobre temas importantes, tal qual o racismo, a violência policial e a valorização de uma identidade negra ganham destaques. Assim, a literatura não funciona apenas como espelho de uma arte que não dialoga com a sociedade, muito pelo contrário, trata-

⁴ O pensamento afrocentrado é aquele em que o negro é o centro das relações, sejam elas afetivas, sociais, epistêmicas. Ele tem como objetivo modificar a imagem estereotipada da população negra a partir do momento em que o sujeito negro, ou afro-brasileiro, torna-se central, protagonizando sua própria história.

se de uma arte que é direito de todos e precisa ser reverberada para todos por possuir um importante papel de humanização. Dessa forma, para Antônio Cândido (1988), a literatura chega ao patamar dos “bens incompreensíveis”, Cândido trabalha com duas categorias: bens compreensíveis e bens incompreensíveis. Bens incompreensíveis são aqueles essenciais ao ser humano, como comida, casa, roupa. Já os bens compreensíveis são aqueles supérfluos, como cosméticos, enfeites, jóias e, portanto, não satisfazem a necessidade de sobrevivência. Por isso, a literatura, a arte num geral, não vinha sendo colocada como direito básico do ser humano, mesmo ela fazendo parte da vida do ser humano há muito tempo, ela sempre foi colocada como *hobbie* de uma burguesia.

Talvez por isso o espanto berrante quando, no início do século XXI, a literatura contemporânea ganha, como protagonistas, jovens moradores de favelas que não tinham sido agraciados com o estudo regular que os de classe média tiveram durante toda a história brasileira.

No entanto, é importante frisar que, embora nos saraus haja um engajamento ético alicerçado no recorte racial, outras discussões circulam nos saraus como forma de ampliação das discussões em torno da exclusão das minorias em nossa sociedade. Por isso, temáticas como LGBTQI+, a poesia erótica, a poesia homoafetiva, dentre outras, ganham relevo nos diversos saraus periféricos.

Dito isto, sob o ponto de vista ético, os saraus abrem um diálogo com as diversas minorias que nele se encontram, convergindo entre a proposta dos saraus e as poesias recitadas pelo público. No *Sarau BDP Vive*, composto apenas por homens, as discussões (po)éticas iniciadas pelos organizadores versam muito entre a violência policial e o racismo, entrando na velha – mas extremamente relevante – dicotomia entre violência policial e exclusão social do povo negro. O que não inviabiliza outras abordagens que tangenciam vivência negra:

Quantas vezes falhei nas missões que deus jogou no meu peito
Quantas vezes falhei e perdi pra mim mesmo tentando ser perfeito
Quantas vezes me olhei no espelho e só enxerguei defeito
Vários laços de amizade foram feitos e desfeitos
Já fiz muita coisa errada e fui julgado por alguém
Já fiz muita coisa certa e não tive valor pra ninguém
Você pode ter um bilhão de acertos que você nunca vai ser lembrado
Mas basta você cometer um erro que logo você é julgado
É, esse é o mundo em que vivemos
Vamos confiar em quem se ninguém te quer bem, só olha pros seus bens
Aqui você vale o que você tem
Aqui você vale o que você tem
Onde vamos parar com tanta violência e tanto rancor
Onde vamos parar o ódio sacou a pistola e matou o amor
Onde vamos parar

Ah! Onde vamos parar
Somos a pior espécie
Tamos no topo, do topo da cadeia alimentar
É, é matar ou morrer
É, é matar ou morrer
Ou morrer e matar
Onde vamos parar
Diz ai,
onde vamos parar (SAMUEL, *Sarau BDP Vive*)

O poema “Onde vamos parar”, de Samuel⁵, recitado no *Sarau BDP Vive*, trata de um tema que discute valores de uma sociedade cada vez mais violenta, passando também pela questão da autoestima dos jovens negros, muito presente na atualidade. Há um pensamento recorrente de que jovens não têm preocupações – mas, mesmo os filhos da elite, com toda sua mordomia e seus privilégios, têm seus problemas existências para lidar. Imagine só um jovem negro, morador da periferia soteropolitana, rodeada por policiais, rodeado por racismo em todo lugar... imagine o quão isso é assustador numa cidade competitiva como a nossa, onde há uma política de Estado que incentiva o genocídio negro. Ser jovem e negro em Salvador é viver numa angústia constante.

Os versos que trazem luz à angústia de Samuel revelam uma descrença em si e na sociedade que está cada vez mais preocupada com coisas materiais e com o sucesso. A metáfora “o ódio sacou a pistola e matou o amor” marca um trânsito experimental que o eu-poético monta para relatar como a violência tem dado a tônica nas relações da sociedade contemporânea.

Outra temática que, vai e volta, a gente ouve em todos os saraus é sobre a identidade, ou melhor, a valorização de uma identidade negra. Em tempos que o processo de miscigenação ainda tem forte atuação, poetizar sobre a valorização de uma identidade negra é mais um ato de resistência produzido por estes jovens. Ainda é necessário valorizar uma identidade negra, que a gente sabe não ser um pensamento biológico, mas social, como uma espécie de resistência frente aos diversos processos subalternizantes, engendrados pela hegemonia branca, enfrentados diariamente pela população negra:

Qual a sua Identidade?
Abracadabra olho de cabra, não apaga nem afaga
Ascendente Descendente, Do negro vivo diamante África.

As minhas palavras são mágicas
Resistência original da diáspora.
Através da poesia eu pergunto qual a sua identidade?
Qual a sua identidade?

Será que você vai por a mão em seus documentos

⁵ Samuel não se apresentou quando recitou seu poema e as pessoas só o conheciam pelo primeiro nome. Procurei-o no final do sarau e ela já tinha ido embora, por isso a referência apenas pelo primeiro nome.

ou irá refletir sobre sua ancestralidade?
Aqui o papo é reto e de verdade/realidade

E quem tem sangue de africanos escravizados correndo nas veias
É quem sabe as várias faces do racismo,
que ainda hoje escraviza o povo em:
Pele negra máscaras brancas.

Capitães do mato adestrados desde menino, nossas crianças.
O racismo aqui praticado é institucionalizado
Enquanto quem está na favela sofre calado,
não reconhece a irmã que está ao lado,
também descendente de africanos e indígenas escravizados,
ainda hoje ameaçados, discriminados, impunemente assassinados

Viva o país do povo alienado!
Que pouco sabe sobre seu passado
Nossa história não está nos livros de história,
nossa história nunca foi contada na escola,

Outrora fora queimados a mando de Ruy Barbosa
documentos/provas verdades que guardava memória,
tentativa de apagar a vergonha nacional,

Onde capitães do mato evoluem para policial,
trancafiados numa foto 3x4 o povo é réu.
Gosto do fel não é doce como mel
A sua identidade não cabe num pedaço de papel (JUNIOR; PAULO, 2019)

A voz poética traz uma discussão sobre identidade que rememora a questão da ancestralidade calcada na África, berço da humanidade, onde se encontra o “Ascendente Descendente, Do negro vivo diamante África”. A voz poética, portanto, funciona a partir do que Stuart Hall (2005, p. 88-89) define como tradução:

[...] conceito descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. [...] Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias pelas quais foram marcadas.

Diante disso, os autores buscam problematizar a questão identitária fazendo o jogo do questionamento entre o documento de identidade, artifício próprio ao modelo de organização social fixado no Ocidente, e sua ascendência negra africana. No entanto, há, no poema, outra incongruência que me chama atenção: é a sutil tentativa de culpabilizar os próprios negros, chamando-os de alienados, colocando-os como “réus” já que, em versos anteriores, ele explicita, com maior grandeza e conhecimento, como nossa história não é ensinada nas escolas, não está nos livros didáticos. Dominação é uma estratégia brancocêntrica ocidental, que coloca em nossa cabeça discursos excludentes que nós reproduzimos sem mesmo nos darmos conta.

A identidade é uma discussão ainda cara para a população negra, que se vê presa entre a fuga da ideia essencializante, contida da palavra “negro”, e a afirmação de uma identidade étnica como foco de resistência. A ideia de uma essência negra percorreu os negros sempre quando se falavam de reparação social, por muito tempo os negros sempre foram tratados apenas como negros sem nenhuma identidade a mais, apenas negros e negras. Mas quando se resolveu criar meios de reparação histórica começou a empregar à população negra a ideia de miscigenação simplesmente para negar-lhes qualquer tipo de reparação.

A literatura, como um espaço de legitimação social, é o local em que jovens criam alternativas de discussão por meio da poesia, assumem seu lugar de fala, colocando-se como pessoas que lutam em busca de reconhecimento numa sociedade cada vez mais marcada pelo signo da exclusão.

E “pra não dizer que não falei das flores”, nos saraus também circulam poesias que falam de amor. Na contramão da temática do racismo, que ganha ampla divulgação nos saraus soteropolitanos, as poesias amorosas têm pouca circulação nos saraus observados para esta pesquisa, chegando a aparecer apenas em eventos temáticos, tendo nas vozes femininas sua maior divulgação – a presença de homens tematizando o amor existe, mas é relativamente pequena. Tomemos, como exemplos, duas: poesias uma do escritor Pareta Calderasch e outra da escritora Gonesa Gonçalves. Na escrita (po)ética masculina, a voz trata de amor dentro de uma lógica mais abstrata, pensando-o numa dimensão transcendental entre vida e morte. Já na poesia de Gonesa Gonçalves, o eu-poético propaga o amor dentro de um quadro romântico de solidão e angústia pela chegada do amante, o “amor romântico”. O amor é colocado dentro de uma realidade mais palatável, ou seja, mais visto e sentido pelas pessoas que se “enfeitam” pela espera da pessoa amada:

Amor
é forte demais
para definirmos
Sou poeta
mas desconheço as forças
que regem o universo
tudo obscuro nesse mundo hipócrita
A morte nos cerca
e nós, amantes da vida,
fugimos sem ter “porquê”
esquecemos de amar
ao amar, nossos dias são eternos (CALDERASCH, 2018, p. 121)

Se tu vens
Me enfeito de véspera
Como quem espera
Encontrar ouro ou coisa perdida

Se tu vens
A sombra do teu corpo à porta
É contínua
A luz dos meus olhos reflete a saída
E o relógio caminha preguiçoso
Se tu vens
espero como virgem sentada ao Porto
Vestido branco manchado de cinzas
Dos navios que saem e entram há séculos (GONÇALVES, 2018, p. 60).

Em um universo de poemas que circulam nos saraus, que falam de violência e o combate antirracista, há poesias que envergam em direção numa linha mais amorosa. No entanto, é bom frisar, são poemas que dialogam com a temática antirracista e contra o genocídio da juventude negra. O corpo negro falar sobre amor é extremamente revolucionário, porque este corpo negro foi animalizado, foi coisificado, foi retirado dele toda e qualquer dimensão de afetividade; este corpo negro foi significado historicamente como infra-humano. Então, esse corpo falar de uma dimensão afetiva, escrever um poema de amor, é algo político, porque ele está falando de um amor que, ao corpo negro, sempre foi negado.

A poesia de Gonesa Gonçalves passeia dentro de uma perspectiva de amor romântico, brincando com motivos canônicos, como a espera por um amante que vem. Mesmo localizado nessa esteira, a escrita de Gonesa Gonçalves assume um caráter de resistência, porque é uma afirmação da dimensão afetiva de um corpo que historicamente sofreu toda uma retirada de humanidade que nele pudesse existir, sendo coisificado - ou seja, visto apenas como coisas, objetos -, animalizado, hiperssexualizado.

Pensar o amor dentro de uma experiência negro-diaspórica⁶ é pensar processos de resistência, afinal, implica construir afetividades em contextos sociais que buscam a coisificação ou animalização dos corpos.

Se a escrita negra periférica é de resistência, a escrita negra periférica produzida pelas mulheres é de mais resistência ainda. As mulheres, durante toda história nacional, foram vítimas de absurdos dos quais homens não passaram perto. Na literatura não foi diferente, como pontua Eduardo de Assis Duarte (2009, p. 6-7):

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para

⁶ O termo diáspora tem a ver com dispersão e refere-se ao deslocamento, forçado ou não, de um povo pelo mundo. A diáspora negra é o deslocamento forçado que os negros africanos foram submetidos a partir da escravidão moderna que sequestrou e escravizou os negros por várias partes do mundo.

fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. [...].

Nessa ordem, a condição de corpo disponível vai marcar a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier fornicaria* da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz. Chama a atenção, em especial, o fato dessa representação, tão centrada no corpo de pele escura esculpido em cada detalhe para o prazer carnal, deixar visível em muitas de suas edições um sutil aleijão biológico: a infertilidade que, de modo sub-reptício, implica em abalar a própria ideia de afrodescendência (DUARTE, 2009, p. 6-7).

A condição imposta à mulher era servir, ou pelo sexo ou pelo trabalho físico. Mesmo com Maria Firmina dos Reis escrevendo um audacioso e brilhante romance, em 1859, *Úrsula*, o corpo negro feminino sempre apareceu na literatura como personagens estereotipadas. Por isso, a voz feminina que escreve hoje usa o corpo – e os afetos que atravessam este corpo – como metáfora de empoderamento.

Os saraus são espaços de sociabilidade, onde jovens se encontram para compartilhar suas experiências, seja através do encontro de suas produções, seja num bate-papo, criando laços para além da relação territorial. Há um encontro de vozes com engajamento ético distinto, que busca convergir em um discurso contra um sistema segregador, que coloca as vozes subalternizadas à margem.

As poesias que circulam nos saraus são quase todas relacionadas a algum tipo de violência sofrida por minorias, seja, elas étnicas, de gênero, de classe ou LGBTQI+:

Eu tento, juro que tento não ser vitimista
Mas eu não tenho culpa se o estado é genocida;
Elas tentam, até tentam, pode levar fé
Mas elas não têm culpa se o Brasil é especialista em matar mulher.
Eles tentam, até tentam quando acordam todas manhãs
Mas eles não têm culpa se de todos os países do mundo o Brasil é o que
mais mata trans

País Lgbtfóbico, machista e racista
Se prepara que nós tá na pista
Nós subimos ladeiras, descemos o morro
porque cansamos de só gritar socorro
Agora que chegamos aqui
Se preparem, vocês vão ter que ouvir
A dura realidade que é ser “minorias” por aqui

Imoral, anormal, banal,
Já me acostumei com os discursos de ódio matinal
Somos minoria, sim, em ascensão
longe de viver o padrão

e suas opressões jamais nos calarão
me dá nojo seu discurso de cruz
é um tanto curioso como vocês excluem a classe lgbt em nome de Jesus

Não é no livro sagrado que diz:
Amai uns aos outros como eu vos amei?
Onde lá tem escrito “menos se ele for gay”?
Aprendeu esse discurso no seu curso de pastor?
Lembra dele quando for se masturbar vendo sexo lésbico, por favor

ser chavecado por um gay deixa os hétero tudo ofendido
mas assediar as mina pode, cadê a lógica, o sentido? vai vendo
Cansamos do termo viado ser usado como pejorativo
Meu corpo minhas regras, Meu cu minhas pregas
Somos milhões de bichas pretas

trans, bi, não-binário, sapatão, travesti
chegamos pra acertar as contas
a cada 25 horas um de nós é assassinado
pela morte da travesti Andréia impune ficaram os acusados
ninguém sabe, ninguém viu, olho viu, boca piu

Somos da mesma raça, sabe a humana?
não deveria te interessar quem eu levo pra cama
seja homem ou mulher
até porque a vida é minha e eu pego quem eu quiser
Vai ter que me engolir sem poder me coagir
Vai ter LGBT casando, sim
Beijando em praça pública e onde quiser

E só pra você saber do meu armário eu quebrei a porta
Pra o seu preconceito cura gay nunca será a resposta (LUDMILA, 2018, p. 95).

A poeta Lislia Ludmila, em “Sociedade de fazer dor”, discorre sobre a dor a que a população LGBTQI+ é acometida diariamente por um estado genocida, por uma prática religiosa fundamentalista, que demoniza os gays, e põe o dedo na ferida quando questiona sobre a ofensiva protestante contra as lésbicas, mas que, no íntimo, as mesmas pessoas que promovem essa caçada acessam *sites* de pornografia especializados em sexo gay e lésbico.

Embora acreditemos que os saraus são espaços democráticos – e são mesmo, as pessoas falam o que sentem, o que vivem – é importante destacar uma tensão, que é a pouca presença de meninos jovens declamando poesias na temática LGBTQI+ – talvez porque a maioria dos adolescentes ainda está preso nos elos de um sistema patriarcal que até pode aplaudir as poesias desta temática, mas não as declama por achar que vai pegar mal para eles. Nas andanças pelos saraus conversei com alguns frequentadores, mas um me chamou atenção pelo discurso preconceituoso. Segundo ele, “ficar falando de gays e essas ‘viadagens’ nos saraus é queimação de fita, as mulheres que falam são sapatonas. Homem que é homem não fala disso porque tem

coisas mais importantes a dizer” (depoimento pessoal⁷). Neste sentido, é importante dialogar com Djamila Ribeiro (2017, p. 29):

Para descolonizarmos o conhecimento, precisamos nos ater à identidade social, não somente como o projeto de colonização tem criado essas identidades, mas para mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas. Seguindo nesse pensamento um projeto de descolonização epistemológica necessariamente precisaria pensar a importância epistêmica da identidade, pois reflete o fato de que experiências em localizações são distintas e que a localização é importante para o conhecimento.

Como explicita Djamila Ribeiro (2017), a identidade pontua as experiências sociais de cada um. Descolonizar o pensamento de experiências coloniais que subalternizavam o Outro é uma tarefa importantes nos tempos atuais, com tanto discurso de ódio circulando contra as minorias, principalmente LGBTfobia.

3 ANTOLOGIAS NEGRAS PERIFÉRICAS REVERBERANDO NARRATIVAS

O que chamamos de cultura, conceito que por seu uso no singular já demonstra sua prisão à lógica da identidade, é na verdade um conjunto múltiplo e multidirecional de fluxos de sentido, de matérias e formas de expressão que circulam permanentemente, que nunca respeitaram fronteiras, que sempre carregam em si a potência do diferente, do criativo, do inventivo, da irrupção, do acasalamento. Na verdade, nunca temos cultura: temos trajetórias culturais, fluxos culturais, relações culturais, redes culturais, conexões culturais, conflitos, lutas culturais. As classes ou grupos sociais hegemônicos é que, muitas vezes, querem fazer de suas manifestações culturais a cultura (ALBUQUERQUE, 2007, p. 17).

Cultura, como define Albuquerque, é na verdade relações, encontros de diferentes sem o apagamento de sua especificidade. A conotação que é dada à Cultura fica marcada pelo que muitos chamam de “alta cultura”, ou seja, uma cultura elitista, um fazer literário produzido pelos nobres. A dicotomia entre alta e baixa cultura, cultura popular ou cultura erudita é regida pela ideia de que só o que importa são aquelas produções da elite de uma sociedade, aquelas produções canonizadas. E a literatura, que é a menina dos olhos da elite, não está aquém disso.

Segundo a pesquisa feita pelo Grupo de Estudo de Literatura Brasileira Contemporânea, coordenada pela professora Regina Dalcastagné (2005), o perfil brasileiro do escritor publicado em grandes editoras é formado por 93,9% de brancos e 72% do sexo masculino. Ou seja, o perfil do escritor é de homens brancos. Nenhuma diversidade neste quadro.

⁷ Dias após ele ter falado isso, o jovem me procurou, via redes sociais, pedindo para não divulgar em lugar nenhum o que ele havia falado para não se “queimar”. Eu disse que iria inserir na minha pesquisa o que ele falou, mas sem qualquer menção ao nome dele ou o sarau em que foi obtido este depoimento.

Os saraus periféricos de Salvador são construídos a partir de experiências de vida de seus idealizadores e da comunidade que se encontra nesses espaços. Repletos de misturas de toda ordem – gênero, étnica, classe social e orientação sexual – os saraus se mostram um espaço importante quando a gente pensa neles como um hibridismo cultural que mistura diversas comunidades culturais num só espaço, cada um levando sua bagagem cultural e sua experiência por meio das poesias.

No entanto, nos primeiros anos do século XXI, que não se tinha tantos espaços como os saraus como palco de experimentação poética e de divulgação, a *internet* era o local que jovens poetas encontravam para mostrar suas poesias, mais especificamente os *blogs*. Com o deslocamento dos *blogs* para as redes sociais e o surgimento dos saraus, uma outra realidade se mostrava eminente: a busca por divulgação e publicação de seus escritos. A internet já não atendia às expectativas dos jovens escritores em ser único local de divulgação de poemas. Os saraus precisavam reverberar essas poesias para outros ouvidos, outras plataformas, outros cenários e é nesse cenário que o desejo por materializar em livros as produções se torna real.

Embora os blogs e redes sociais sejam lugares alternativos de circulação e visibilidade de publicações “[...] é preciso reconhecer que a escrita em *blog* não oferece uma concorrência real ao mercado, e que a publicação de romances *online* continua sendo um fenômeno minoritário e marginal” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 14).

Na historiografia brasileira, houve casos em que autores e autoras periféricos escreveram livros que chamaram atenção do *mainstream* literário, a exemplo do consagrado *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (1960), que virou referência como escritora periférica em vários países da Europa. Em 1978, os *Cadernos Negros* surgem a partir da iniciativa do coletivo Quilombhoje⁸ com a necessidade de dar a escritores e escritoras negras uma alternativa para publicação de seus poemas. À época ainda da ditadura civil-militar, a cultura negra era alvo de perseguições e censura pelos governos militares e as editoras seguiam a cartilha do governo de não ceder espaço para publicação de escritores/escritoras negras que não convergissem no discurso com o governo.

Em 1997, com o livro *Cidade de Deus*, do escritor carioca Paulo Lins, o mercado editorial passa a olhar com mais atenção para uma voz oriunda da favela. Como Karl Erick Schollhammer (2009, p. 13) aponta:

⁸ Em 1978, um grupo de jovens negros e negras reuniu-se no CECAN - Centro de Cultura e Arte Negra, em São Paulo, para criar uma publicação em que pudessem expor sua arte. Nasceram ali os **Cadernos Negros**. Desde então, a cada ano se revezam poemas e contos de um número cada vez maior de participantes de várias regiões do país, promovendo visibilidade para a literatura negra brasileira. Em 1980 esse grupo que produzia os Cadernos Negros constituiu-se no coletivo Quilombhoje.

Sua importância [de *Cidade de Deus*] está diretamente ligada ao fato de ser a primeira experiência literária de um autor residente em uma favela que lança mão de sua própria vivência marginal para a produção de um discurso que une testemunho e ficção, resultando em um novo olhar sobre a escalada da violência nas favelas do Rio de Janeiro.

E, nesse processo, há um verdadeiro *boom* de antologias poéticas periféricas – que já não eram propriamente uma novidade⁹. A primeira antologia com poemas dos saraus surge justamente com o primeiro sarau contemporâneo, o *Cooperifa*, que lançou em 2004 *O rastilho da pólvora* – antologia poética do *sarau da Cooperifa*, em parceria com o Instituto Itaú Cultural.

Aqui, em Salvador, não foi diferente, com o aumento significativo dos saraus nas periferias a partir de 2011, a necessidade de se criar livros que registrassem as poesias se tornou cada vez mais urgente. Seguindo esse ritmo, uma onda boa de antologias foi se multiplicando no cenário literário periférico de Salvador. Entre antologias que representassem uma atividade conjunta de um grupo ou coletivo e as expressões literárias individuais, houve uma procura significativa no mercado das editoras pequenas por poetas e grupos que desejavam publicar seus livros.

O interesse mercadológico de ler o que esses novos atores sociais escreviam aumentou o interesse por essas escrituras e a necessidade dessas novas vozes transformarem as palavras faladas em palavras escritas animou os jovens, que tinham no público do sarau seu principal emissor. No entanto, os impasses com as editoras e o custo alto para publicar – uma outra forma de tirar os autores negros das publicações – fazem com que escritores (as) negros (as) procurassem outra alternativa e, nesse processo, as editoras novas, de pequeno porte, ganham destaque porque selecionam poesia sem os filtros excludentes que as editoras maiores criam. Para o escritor Luís Silva, o Cuti (2010, p. 48-49),

as editoras, por exemplo, têm o que chamam de “linha editorial”, demarcadora dos parâmetros de suas exigências para os que nela procuram a publicação de seus escritos. Essa “linha” norteia a(s) mensagem(ns) a ser(em) veiculada(s) de forma impressa e em determinados formatos. Assim como existe a tal “linha” orientando o crivo (a escolha) entre os títulos a serem publicados ou não, também, posteriormente, haverá a seleção do que, estando disponível no mercado, deve receber o aval da publicidade ou da cumplicidade dos meios de comunicação e do Estado para redundar em leitura.

O sarau foi a porta de entrada para poetas e escritores “marginalizados” que não tinham “voz” no cenário artístico cultural da cidade. Muitos grupos marginalizados, que, por anos

⁹ Em 1982 Paulo Colina organizou a *Axés* - antologia contemporânea de poesia negra brasileira, que busca mostrar a existência de poemas e de poetas afro-brasileiros fora do eixo Rio-São Paulo.

foram silenciados, encontram, em espaços alternativos como os saraus, coletivos e grupos culturais, uma rede de solidariedade que modifica a relação de escritores com a literatura, batendo de frente com os padrões éticos e estéticos estabelecidos do fazer literário. Assim, cria-se uma voz autoral dos sujeitos que vão de encontro à ideia canônica de construção literária. O silêncio cedia lugar para vozes cada vez mais dispostas a ultrapassar as barreiras impostas sobre quem pode escrever Literatura:

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística. O termo chave, neste conjunto de discussões, é “representação”, que sempre foi um conceito crucial dos estudos literários, mas que agora é lido com maior consciência de suas ressonâncias políticas e sociais (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 34).

Para a professora Larissa Araújo Dantas (2009), “tendo dificuldades para publicar em editoras grandes, escritores não-brancos encontram seu ‘nicho’ de leitores em editoras pequenas que, em sua maioria, são dirigidas por editores não brancos”. (DANTAS, 2009, p. 49).

Um dos primeiros livros a ganhar considerável destaque no cenário literário periférico de Salvador é a antologia do *Sarau da Onça, O Diferencial da favela: poesias quebradas de quebrada*. Publicado em 2014, ele reúne cinquenta poemas de escritores negros/escritoras negras baianas. Organizada pelo *Sarau da Onça*, mais especificamente Sandro Sussuarana, a obra reforça que, como diz Lisandra Pedreira (2014, p. 9-10) no prefácio do livro:

A poesia na periferia mostra outro lado distinto do que essas pesquisas apontam, mostra que tem gente tentando fazer diferente, que essa juventude está movendo algo sem violência. A juventude da periferia quer mais do que esses dados, ela quer mudança e está aí pra dizer que acredita nisso e que dá pra fazer diferente.

A obra reúne uma variedade de temas que circulam no sarau, desde a denúncia do racismo, do machismo, da violência policial até as relações de afetos entre pretos e pretas. São temas que funcionam na construção poética dos jovens escritores. O livro traz uma nova experiência para a maioria dos poetas que faz parte da primeira de publicação do sarau, a de ter o seu texto enfim veiculado em livro. A poesia de Alan Felix faz parte deste primeiro volume:

Vem comer minha língua para virar brasileiro.

Eu, filho do estupro lusitano;
Alimentado em seio africano;
Deitado em berço "gentil".

Feto das grandes navegações,
aborto dos navios negreiros,
bastardo de famílias indígenas.

Devoro minha alma folclórica,
para expelir minha origem devassada.

Pois, cada parte de mim,
anda assombrando a memória corroída
pelo tempo mudo das horas (FELIX, 2014, p. 108).

Com um tom irônico, Alan Felix expõe como sua identidade foi construída a partir da violência colonial do português através da escravidão e do extermínio dos povos negros e indígenas. No verso “Deitado em berço gentil”, o eu-poético explana a hipocrisia e falácia cantada no hino nacional, em que a pátria brasileira é uma nação gentil para com seus cidadãos. Ledo engano, a pátria brasileira foi gentil com os migrantes europeus que para cá vieram e ganharam terras para começar uma vida. A gentileza da pátria brasileira é para uma parcela branca e de poder econômico. Para os negros e negras, as favelas.

O livro saiu pela editora Galinha Pulando, do jornalista, escritor, poeta Valdeck Almeida de Jesus. Este primeiro livro é um marco porque é o primeiro de um sarau de poesia periférico em Salvador. Logo após, uma outra leva de antologias se seguiram. O grupo Ágape lança, ainda em 2014, o seu *A poesia cria asas*, uma coletânea que reúne poesia do grupo, também produzido pela editora Galinha Pulando. O grupo Ágape reforça uma tendência que tem se tornado o desejo de grupos, coletivos e um projeto também individual, que é a busca por publicação como mais um meio de fugir do racismo que está presente nas artes.

Outras publicações merecem destaques, o segundo livro do *Sarau da Onça*, lançado pela editora Galinha Pulando, em 2017 – *O Diferencial da Favela: poesias e contos de quebrada* – organizado pelo próprio sarau. No ano de 2019, o terceiro livro da *Onça*, *O Diferencial da Favela: dos contos às poesias de quebrada*, marca a trilogia literária de um sarau que, quando começou, ouviu críticas de que não duraria muito.

Uma coisa em comum que tem em todas essas publicações é que eles são publicados a partir do incentivo financeiro da prefeitura através do edital “Arte em Toda Parte”, da Fundação Gregório de Mattos e da Secretaria de Cultura e Turismo – SECULT, órgãos vinculados à Prefeitura de Salvador, que tem aberto editais que dão uma maior chance na concorrência. Para o jornalista Valdeck de Jesus, esse edital é bom quando a gente pensa na burocracia dos demais certames, que exigem um monte de trâmites burocráticos na elaboração do projeto:

Você não precisa “prestar contas” como nos outros. Você faz um evento, tira as fotos, faz uns vídeos e leva, “esse aqui é o produto”, você faz uma caminhada, tira as fotos, faz umas notinhas pro blog e pronto não tem que ter aquela burocracia profunda que tem nos outros editais (JESUS, 2019, p. 191).

Como disse o jornalista acima, o edital “arte em toda parte” privilegia o processo e não o resultado. O responsável tem que se preocupar em fazer algo que atenda as necessidades de determinados grupos ou comunidade onde o projeto visa atingir.

Outra coisa em comum nessas publicações é a editora Galinha Pulando, do jornalista Valdeck Almeida de Jesus. Natural da cidade de Jequié, Recôncavo baiano, arrimo de família (como o próprio se classifica), Valdeck teve uma infância pobre e encontrou no fazer literário uma saída para sua introspecção.

Por essa infância salva pela literatura, Valdeck Almeida de Jesus tem dispensado um significativo tempo apoiando projetos de publicação de livros através de sua editora Galinha Pulando e mapeando os saraus através de seu *blog*, (<http://sarausdepoesiaemsalvador.blogspot.com/>) facilitando a vida de quem quer conhecer os saraus soteropolitano que tem na periferia.

Em 2018, foi lançado o livro *Força Feminina: A Poesia que Liberta*, das socioeducandas da FUNDAC (Fundação da Criança e do Adolescente). Lançado também pela editora Galinha Pulando, ele reúne 53 poemas de meninas que cumprem pena. Organizado pelo escritor Evanilson Alves, a orelha foi produzida pela professora e poeta Lívia Natália. O livro foi lançado no *foyer* do Teatro Castro Alves. Uma observação: das coletâneas que circulam, esta é a única apenas com nomes femininos entre as autoras.

Outro nome que merece atenção nesse cenário é do multiartista Rilton Junior, mais conhecido como Poeta com P de Preto, membro do coletivo *Resistência Poética* ele é escritor, *performer* e ator. Esteve em cartaz no ano de 2019 com o espetáculo *Vitimistas Não, vitimizados*, um monólogo sobre a negação da humanidade do negro que busca um tensionamento contra a formação dos estereótipos do negro na sociedade.

Em 2019, ele lançou seu livro independente, *A poesia é o alimento para quem tem fome de conhecimento*. A orelha do livro foi escrita pelo professor, poeta e ativista Nelson Maca, que em palavras curtas e certeiras diz que Rilton Junior fala da:

Experiência de ser poeta preto escrevendo poemas pretos. Falam do amor entre pessoas pretas, gerando famílias pretas. Do orgulho de permanecermos juntos. Da necessidade de elevação da autoestima de homens e mulheres pretas. Comentam, com emoção e beleza, a experiência de ser pai de fato. Com responsabilidade e afeto [...]. Acima de tudo, Rilton celebra a mãe África. Matriarca comum do povo negro do mundo (MACA, 2019, p. 5).

A escrita aguda e “sem passar pano nos racistas”, como diz Nelson Maca, é fruto de um jovem morador das periferias baianas, que vive cotidianamente a violência que é morar numa cidade violenta como Salvador. Os prefácios dos livros são escritos por Marcos Paulo Silva, que também produziu a capa, e Luz Preta Marques, poeta, atriz, artesã e diretora teatral.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto por muitos ainda como celeiros de criminalidade, as periferias brasileiras, a partir do crescimento do rap, na década de 1990, do ressurgimento da “literatura marginal”, com Paulo Lins, na década de 1990, e Ferréz, no início no começo dos anos 2000, ganha olhares mais atentos de uma elite que só ouvia falar de periferia pela janela de seus apartamentos, nos noticiários policiais ou, ainda, através da ideia de periferia que os escritores também de uma elite não periférica produziram.

Os saraus são movidos pela interação entre o espaço e a comunidade e estas interações acontecem através da arte – arte que não se restringe só a literatura, mas é ampliada para a música, a dança, e o grafite, que são incorporados nesses espaços como um braço importante para construção de cidadãs e cidadãos conscientemente políticos.

A poesia negra tem encontrado espaços cada vez mais atraentes nos bairros periféricos da cidade, onde é muito bem recebida, criando, desse modo, um cenário alternativo de cultura “e” literatura. A literatura contemporânea tem ganhado contornos cada vez mais inquietantes, seja pela diversidade de quem a produz, seja pelo conteúdo, cada vez mais próximo de uma realidade cotidiana negro-brasileira, ou, ainda, pelos sujeitos que a produzem.

É incrível como os jovens periféricos têm construído poesias com temas que fazem parte do nosso cotidiano. Pensar a literatura contemporânea é mirar em uma produção (po)ética que não se adapta à estética canônica que fundamenta os princípios da Literatura Brasileira. Nenhum especialista em literatura pode olhar para as escritas periféricas buscando encontrar traços característicos do cânone. A literariedade aqui é posta sobre outras condições. As (po)éticas dos/das multiartistas que fazem a cena litero-cultural alternativa de Salvador marcam uma nova etapa no fazer literário.

A literatura contemporânea desprende-se daquele objeto mitificado nacional que colocava todos num mesmo balaio, chamado “literatura brasileira”, como se ser brasileiro representasse a identidade uniformizante de todos que habitam neste território invadido pelos portugueses. A doxa patriarcal, que fundou o estado nacional, excluiu todos que eram

considerados subalternos, relegando-os à margem de toda estrutura social privilegiada. E esse panorama ganha contornos de mudança com as vozes periféricas, transformando o que era margem no novo fenômeno da literatura contemporânea. Por isso, as vozes periféricas são as protagonistas desta nova literatura do século XXI.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org). **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 13-23.

ALVES, Evanilson e LIMA, Luciana (Orgs.). **FORÇA Feminina: A Poesia que Liberta**. Vitória da Conquista/BA: Galinha Pulando, 2017.

ALVES, Laiane Almeida Dias. **Análise do Sarau da Onça e sua mediação social entre o grupo e a comunidade**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ANDRADE, Adriana Leal de. **Entre o impresso e o digital: as experiências de escrita dos jovens do grupo SARAU DA ONÇA**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

ARAÚJO, Vinicius. **Golpe Literário**. 2019. Produção Artesanal.

CALDERASCH, Pareta. Nunca esqueça de amar. In: JESUS, Valdeck Almeida de (Org.). **Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana**. Vitória da Conquista: Editora Galinha Pulando, 2018. p. 121.

CUTI. **Literatura Negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem no romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, nº 26, p. 13- 71, jul./dez. 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

DANTAS, Larissa de Araújo. **Espaços de visibilidade: trajetórias possíveis no campo literário brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Literatura). Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Falas do outro – literatura, gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2009.

FELIX, Alan. Brasileiro. In: SUSSUARANA, Sandro (Org.). **O diferencial da favela: poesias quebradas de quebrada**. Vitória da Conquista/BA: Galinha Pulando, 2014.

GAMA, Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da. **A voz e a vez de dizer: batalhas de poesia em comunidades de periferias em Salvador/BA**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2019.

GONÇALVES, Gonesa. Marinheiro A Deriva. In: JESUS, Valdeck Almeida de. **Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana**. Vitória da Conquista: Galinha Pulando. 2018. p. 61.

GRUPO ÁGAPE. **A poesia cria asas**. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. Edição Popular, 1963.

JESUS, Valdeck Almeida de. Entrevista concedida a Paulo Sérgio Paz. In: ____ PAZ, P. S. **Nóis por Nóis: poesia e resistência nos Saraus Periféricos de Salvador**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <http://www.ppgel.uneb.br/index.php/tesesdissertacoes/>

LINS, Paulo. **Cidade de Deus: romance**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

LUDMILA, Lislia. Sociedade de fazer dor. In: JESUS, Valdeck Almeida de. **Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana**. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2018. p. 95.

MACA, Nelson. Espaço para a poesia divergente! **Sarau Bem Black**, 20 de set. de 2009. Disponível em: <http://saraubemblack.blogspot.com/>

PEDREIRA, Lisandra. Prefácio. In: SUSSUARANA, Sandro (Org.). **O diferencial da favela: poesias quebradas de quebrada**. Vitória da Conquista/BA. Editora: Galinha Pulando, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Coleções feminismos plurais).

SARAU DA COOPERIFA. **Rastilho de Pólvora – Antologia Poética do Sarau da Cooperifa**. São Paulo: Itaú Cultural, 2004

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. Que significa literatura contemporânea? In: _____. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Sérgio Ricardo Santos da. **O cordel pilando (re)elaborações de valores comunais e perspectivas de educar**: a pedagogia da Onça. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, 2013.

SUSSUARANA, Sandro (Org.) **O Diferencial da Favela**: poesias quebradas de quebrada. Vitória da Conquista/BA. Editora: Galinha Pulando, 2014.

SUSSUARANA, Sandro (Org.) **O Diferencial da Favela**: poesias e contos de quebrada. Vitória da Conquista/BA: Galinha Pulando, 2017.

SUSSUARANA, Sandro. **Verso(s) Sob(re) Mim**. Vitória da Conquista/BA: Galinha Pulando, 2017.

Submetido: 02/02/2021

Aceito: 14/12/2021